

RÚSSIA INTENSIFICA PRESENÇA MILITAR NO PACÍFICO

Por Scott Foster*



Forças russas organizam exercício militar no Mar do Japão (Foto de arquivo/Asian Times).

Moscou dá nova prioridade à liberdade de navegação e defesa costeira em áreas marítimas ultrassensíveis perto do Japão.

Foi um final de ano agitado para as forças militares russas no Pacífico, que se tornaram um fator geopolítico que não pode ser ignorado pelos EUA, Japão e seus aliados do Pacífico. De 14 a 17 de outubro, a Rússia e a China realizaram exercícios navais conjuntos no Mar do Japão.

Então, em 18 de outubro, 10 navios russos e chineses navegaram pelo estreito de Tsugaru entre Honshu e Hokkaido, descendo a costa do Pacífico do Japão através do estreito de Osumi entre o extremo sul de Kyushu e a ilha de Tanegashima, onde se situam as instalações de lançamento espacial do Japão e para o contestado Mar da China Meridional.

O vice-chefe de gabinete do Japão, Yoshihiko Isozaki, disse a repórteres que o governo japonês estava “*observando com grande interesse as atividades dos navios de guerra chineses e russos ao redor do Japão. Não consideraremos nada garantido em nossas atividades de alerta e vigilância nos domínios aéreo e marítimo do Japão*”.

Uma semana depois, falando na base naval do quartel-general da Sétima Frota em Yokosuka, no lado oeste da Baía de Tóquio, o secretário da Marinha dos EUA, Carlos Del Toro, disse: “*Acredito que a relação entre a China e a Rússia, talvez recentemente, tenha evoluído de maneiras em que eles estão tentando intimidar outras nações com suas ações que não obedecem a uma ordem internacional*”.

baseada em regras. Acho que é necessário dissuadi-los de intimidar outros países e de serem agressores de qualquer maneira possível.”

Del Toro também disse que a liberdade de navegação em águas internacionais é “*verdadeiramente uma coisa maravilhosa*” – mas evidentemente nem toda liberdade de navegação é igualmente maravilhosa.



FOTO 01: Dez navios de guerra chineses e russos navegaram pelas ilhas japonesas (US Naval Institute).

Deve-se notar que este incidente só pôde acontecer porque o Japão foi persuadido a estreitar suas reivindicações marítimas territoriais em ambos os estreitos, das habituais 12 milhas náuticas, para três milhas náuticas na década de 1970, a fim de permitir que os navios americanos transportando armas nucleares passassem sem violar o terceiro dos “Três Princípios Não Nucleares” do Japão – não posse, não produção e não introdução de armas nucleares.

Como resultado, os canais centrais de ambos os estreitos são classificados como águas internacionais. Um porta-voz do Ministério da Defesa do Japão disse à imprensa: “*Nenhuma violação das águas territoriais ocorreu e nenhuma regra internacional foi ignorada.*”

EXERCÍCIO NAVAL ASEAN-RÚSSIA

Em 28 de outubro, a 4ª cúpula ASEAN-Rússia foi realizada via videoconferência para comemorar o 30º aniversário do estabelecimento de relações oficiais entre a ASEAN (*Association of South East Asian Nations*, Associação das Nações do Sudeste Asiático) e a Federação Russa. De acordo com a declaração conjunta emitida após a Cúpula, as duas partes:

“Reafirmam o apoio inabalável à centralidade da ASEAN na arquitetura regional em evolução e o compromisso de fortalecer e dar novo impulso aos mecanismos liderados pela ASEAN para melhor enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades decorrentes dos ambientes regionais e globais atuais e futuros.”

Então, em 1º de dezembro, o primeiro exercício naval ASEAN-Rússia começou na costa de Sumatra. Oito navios e quatro aeronaves da Indonésia, Singapura, Malásia, Tailândia, Mianmar, Vietnã, Brunei e Rússia participaram de três dias de exercícios. Os outros países da ASEAN enviaram observadores.

O exercício – que incluiu manobras, comunicações, busca e resgate e tratamento de embarcações suspeitas – apoiou um compromisso conjunto de *“proteção e segurança marítima, liberdade de navegação e sobrevoo e comércio desimpedido”* afirmado na Cúpula.

A Rússia foi representada pelo contratorpedeiro *Almirante Panteleyev* (classificado como “grande navio antissubmarino”) da Frota Russa do Pacífico. Seu comandante, Aleksei Bolotnikov, disse à imprensa que esperava que o próximo exercício naval ASEAN-Rússia fosse realizado em Vladivostok.



FOTO 02: Os exercícios navais sinalizam o interesse russo no sudeste da Ásia, não uma mudança estratégica no mar. Esta foto divulgada em 1º de dezembro de 2021, pelo comando da frota indonésia Koarmada I, mostra o contratorpedeiro russo Almirante Panteleyev nas águas de Belawan durante um exercício conjunto entre a Marinha da Indonésia, a Marinha da Rússia e membros da ASEAN.

A ASEAN também realizou exercícios navais com a China e com os EUA. Obviamente, a ASEAN espera manter sua “centralidade”.

DEFESA DAS ILHAS CURILAS

Em 2 de dezembro, a RT informou que a Federação Russa implantou sistemas móveis de defesa contra mísseis na ilha de Matua. Matua está localizada no meio

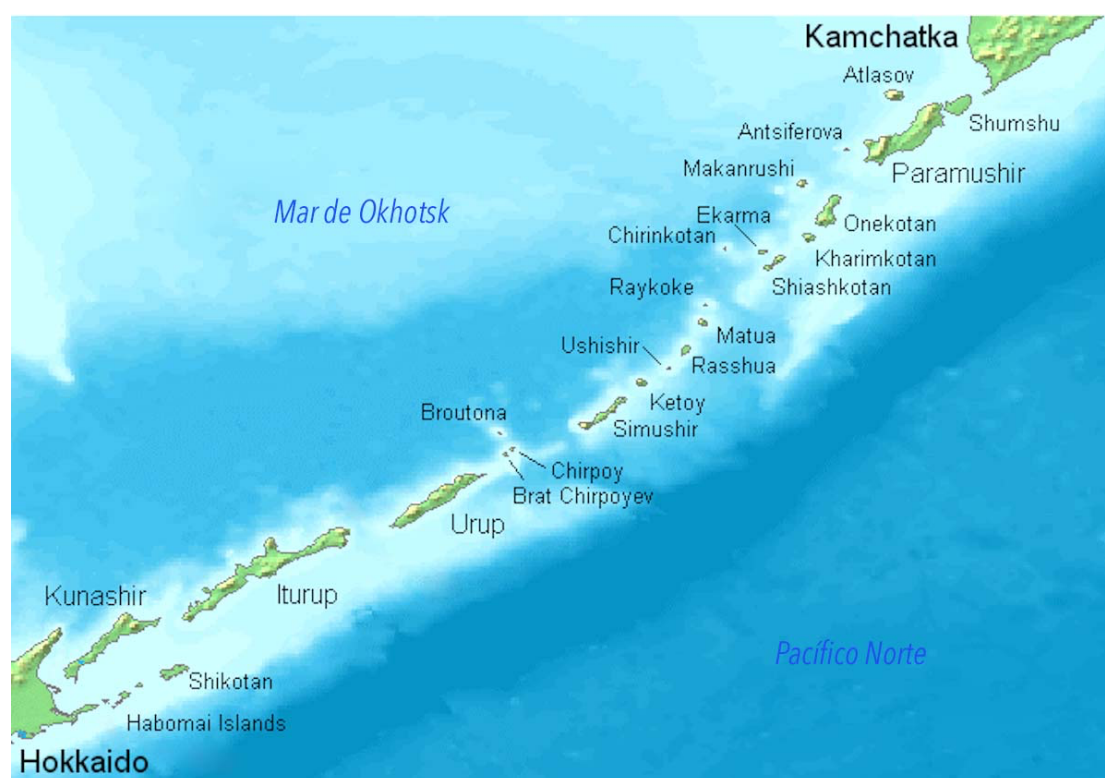
da Cadeia de Ilhas Curilas, que vai de Kamchatka a Hokkaido. A crista Curila, como é chamada em russo, forma a parede externa do mar de Okhotsk.

Não é um ambiente hospitaleiro. As Ilhas Curilas vulcânicas são frias, com ventos fortes, nubladas e úmidas. O fumegante vulcão Sarycheva que forma a ilha de Matua entra em erupção a cada poucos anos, a mais recente em janeiro de 2021. Na língua dos Ainu, os habitantes originais das Curilas e Hokkaido, Matua significa “boca do inferno”.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os militares japoneses construíram uma grande base em Matua com um campo de aviação e uma guarnição de vários milhares de homens. Aviões americanos bombardearam, a Marinha dos EUA bombardeou e uma bateria de costa japonesa afundou o submarino americano USS *Herring* depois que ele afundou vários navios japoneses em águas próximas.

No final da guerra, Truman supostamente perguntou a Stalin se ele transferiria o controle de Matua para os Estados Unidos. Quando Stalin se ofereceu para trocá-lo por uma ilha na cadeia das Aleutas, foi o fim de tudo.

O Japão usou as Curilas para controlar o acesso ao mar de Okhotsk, como os russos fazem hoje. A Rússia também tem baterias de mísseis e campos de aviação nas ilhas de Paramushir, na ponta sul da Península de Kamchatka, e Iturup (Etorofu em japonês) e Kunashir (Kunashiri) perto de Hokkaido, que são reivindicadas pelo Japão.



MAPA 1: Mar de Okhotsk e as Ilhas Curilas (Wikipédia).

Na língua Ainu, Kunashir significa “ilha negra”. Iturup significa “salmão grande”. Os Ainu, que agora são muito poucos, não têm muita voz na disputa sobre quem é o legítimo proprietário das ilhas.

Em japonês, Kunashiri é escrito foneticamente com os caracteres “country” (pode ser traduzido como “país”, “campo” ou “região”) e “back” ou “behind” (pode ser traduzido como “costas” ou “atrás”) – em retrospecto, talvez uma escolha infeliz. Etorofu é escrito foneticamente com os caracteres “choose” e “catch” (podem ser traduzidas como “escolher” e “pegar”) – como em pegar um peixe grande?

ENCONTRO PERTO DE VLADIVOSTOK

Há pouco mais de um ano, o comandante da Sétima Frota dos EUA emitiu o seguinte comunicado:

“Baía de Pedro, o Grande – Em 24 de novembro (hora local), o USS John S. McCain (DDG 56) [um destróier de mísseis guiados] afirmou direitos e liberdades de navegação nas proximidades da Baía de Pedro, o Grande, no Mar do Japão. Esta operação de liberdade de navegação (“FONOP”, [Freedom of Navigation]) defendeu os direitos, liberdades e usos legais do mar reconhecidos no direito internacional, desafiando as reivindicações marítimas excessivas da Rússia.

O Ministério da Defesa da Rússia respondeu o seguinte: “O destróier antissubmarino Almirante Vinogradov da Frota do Pacífico usou um canal de comunicação internacional para alertar o navio estrangeiro de que tais ações eram inaceitáveis e que o infrator poderia ser expulso das águas territoriais do país em uma manobra de impacto. Depois que o alerta foi emitido e o Almirante Vinogradov mudou seu curso, o contratorpedeiro USS John S. McCain retornou às águas internacionais.”

Segundo relatos do incidente, o *John S. McCain* havia navegado dois quilômetros até a Baía de Pedro, o Grande, próximo ao quartel-general da Frota Russa do Pacífico e à entrada do porto de Vladivostok.

No mês seguinte, o *Nikkei Asia* citou o professor Artyom Lukin, da Universidade Federal do Extremo Oriente da Rússia, dizendo: “Se você olhar para os sistemas de armas implantados pelo Ministério da Defesa da Rússia no Extremo Oriente nos últimos anos, perceberá que esses sistemas são destinados a repelir uma ameaça do mar e do ar, não uma ameaça terrestre da China... A ênfase no planejamento militar no Extremo Oriente visa conter a ameaça EUA-Japão.”

Houve outros encontros íntimos entre embarcações americanas e russas no Mar do Japão e provavelmente haverá mais.

**Scott Foster é analista da Lightstream Research, Tóquio.*
